

OS FUNDAMENTOS DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL E O AMBIENTE DIGITAL: O ASPECTO MULTISSEMIÓTICO DO TEXTO

THE FOUNDATIONS OF TEXT LINGUISTICS AND THE DIGITAL ENVIRONMENT: THE MULTISEMIOTIC ASPECT OF THE TEXT

Alena Ciulla¹

RESUMO

A afirmação de que o texto é multissemiótico é assumida por vários estudos atuais de abordagem da Linguística Textual. O texto, em suas diversas modalidades orais e escritas, não pode dispensar os elementos não verbais que o constituem para configurar a sua totalidade e unidade. Isso se torna bastante evidente e até indispensável, quando se trata do ambiente digital, em que os aplicativos são projetados a partir de múltiplas semioses. Contudo, há uma lacuna sobre a explicação de como se dá esse funcionamento no texto e de como se chega às categorias de análise: quando elas aparecem nos trabalhos, são tomadas de empréstimo de outras áreas. Como explicar, então, com os recursos da observação no campo da linguística, algo que ao mesmo tempo constitui o texto, mas pertence a uma outra semiose? A resposta não é evidente e a reflexão que apresentamos aqui sugere um encaminhamento à questão, com base na teoria benvenistiana sobre a linguagem, em consonância com a nossa proposta em Linguística Textual.

Palavras-chave: ambiente digital; multissemiótico; textualidade.

ABSTRACT

The assertion that the text is multisemiotic is assumed by several current studies in the field of Text Linguistics. Text, in its various oral and written forms, cannot dispense with the nonverbal elements, which compose and configure its totality and unity. This is quite evident, even indispensable, when it comes to the digital environment, where applications are designed based on multiple semiosis. However, there is a gap in the explanation of how this works in the text and how the categories of analysis are formulated: when they appear in the works, they are borrowed from other areas. How, then, can we explain, using the resources of observation in the field of linguistics, something that composes the text but belongs to a different semiosis? The answer is not obvious, and the reflection we present here suggests an approach to the question, based on Benveniste's theory of language, in line with our approach to Text Linguistics.

Keywords: digital environment; multisemiotic; text definition.

Introdução

¹ Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do PPG do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0710-9397>
E-mail: alenaciulla@gmail.com

Depende-se, cada vez mais, da interação pelo digital para as coisas cotidianas, como o pagamento de contas, cadastro de identificação do governo, compras, contato com amigos e colegas de trabalho, o próprio trabalho, que muitas vezes depende dos aplicativos digitais. Como se sabe, com as plataformas, dispositivos e aplicativos, que vão se sofisticando, dia após dia, estão necessariamente implicadas múltiplas semioses na produção e interpretação dos textos. O texto vem assumindo, então, novas configurações, por exemplo, em formulários on line, em que é preciso fazer *login*, colocando usuário e senha, depois prosseguir com ações permitidas, sempre preenchendo campos, clicando em ícones, barras de rolagem etc. Em redes sociais, lê-se, vê-se e ouve-se notícias de perfis jornalísticos e outras publicações de perfis públicos e privados, em *posts* com espaço e expectativa de comentários, com possibilidades variadas de compartilhamento, de produção conjunta, de modos de afetar o outro, seja apoiando e engajando, por meio dos botões para “curtir”, adicionar e seguir, seja rejeitando, com as opções de bloquear, silenciar etc. Além disso, são mobilizados emojis, *hashtags*, *hiperlinks*, interfaces, arrobas, *stickers* e uma série de outros recursos que incorporam imagens e sons ao verbal, produzindo efeitos de sentido diversos, complexificando a enunciação, entre outros aspectos que afetam a textualidade, conforme já apontaram Martins (2024) e Ciulla *et al.* (2024). É inegável que essa imersão no digital provocou mudanças muito grandes nos modos de os sujeitos se comportarem, interagirem, compreenderem e produzirem textos.

O ambiente digital exige, assim, uma atenção especial e, por isso, ressaltamos as transformações profundas provocadas pelo que já é considerado uma *digital turn* (cf. Wim Westera, 2012), que afeta não apenas os modos de comunicação, mas os do próprio pensar e interagir de toda a nossa sociedade.

Neste trabalho, o objetivo é fornecer uma explicação linguística para a composição multissemiótica do texto, especialmente o que acontece no ambiente digital. Acreditamos que esse estudo é muito importante para contribuir na compreensão de como os sentidos são construídos nesse ambiente, além de que se integra à nossa empreitada, inspirada no programa sugerido por Adam (2006), de descrição de toda a produção discursiva humana, que se manifesta nos textos.

É importante esclarecer, de início, quanto ao estatuto do multissemiótico do texto, que nossa posição não é a de que antes do digital o texto já pudesse ser considerado como um fenômeno satisfatoriamente explicado e também não desprezamos os advenços tecnológicos anteriores ao digital. A própria invenção da escrita, da impressão, do rádio e da tv, entre outras, mudaram os modos de comunicação, expressão e interação humana e, portanto, mudaram a linguagem e os textos, principal modo pelo qual os humanos interagem. A complexidade da escrita, por exemplo, é tamanha, que até hoje é objeto de estudo e ensino em todos os níveis.

Também é preciso lembrar que a característica multissemiótica do texto não necessariamente vem com a tecnologia. Observamos que os gêneros primários, que se apresentam em modalidades muito básicas de texto e que qualquer falante da língua domina em algum nível, podem sempre envolver algum tipo de interpretação que escapa ao estritamente verbal. Um exemplo, em uma conversa face a face, é o da percepção de cores, formas e sons do entorno em que a interação ocorre e que interfere no modo como (re)produzimos os sentidos, além dos gestos, expressões faciais dos interlocutores etc. Há uma expressão em inglês que coloca algo disso em destaque: “*to read the room*” (*ler a sala*, numa tradução literal), sugerindo a percepção daquilo que nem sempre é dito verbalmente, mas que ajuda a construir sentidos importantes para a situação enunciativa. Com isso, estamos assumindo que o aspecto multissemiótico é próprio do texto, conforme o concebemos, em toda a sua complexidade discursiva e em suas possibilidades multimodais.

No ambiente digital, contudo, há uma certa urgência de investigação, pela importância que o multissemiótico aí desempenha. Devido a essa importância, inclusive para o ensino, há

vários estudos valiosos de abordagem linguística de análise de funções discursivas das multissemioses, como Silva (2025), Ferreira; Almeida e Dias (2017; 2019), entre outros, como Cavalcante et. al (2022) e Martins (2024). Porém, da afirmação às análises, há uma lacuna sobre a explicação de como se dá esse funcionamento discursivo. A dificuldade aí embutida é compreensível e previsível, desde que passamos a admitir o texto como objeto multifacetado, em que entram em jogo elementos definidos em outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a cognição, a sociologia etc. A opção tem sido, frequentemente, uma tentativa de abordagem interdisciplinar, lançando mão de teorias sobre a multimodalidade, como Kress; Van Leeuwen (2001) e até de gramáticas de *design* visual (Kress; Van Leeuwen, 2020). Os conceitos advindos desses estudos são muito enriquecedores e podem abrir caminhos para pensar a associação do texto a distintas modalidades e semioses. Entretanto, para a linguística, esses conceitos são apenas complementares. O problema é que as categorias de análise proporcionadas por essas teorias têm sua fundamentação em uma episteme muito diferente da linguística e nem sempre uma transposição dos conceitos é possível. Como explicar, então, sem ser pela via da interdisciplinaridade, com os recursos da observação no campo da linguística, algo que ao mesmo tempo faz parte do texto e pertence ao domínio de outra semiose? A resposta não é evidente e a reflexão que apresentamos neste artigo sugere um encaminhamento à questão. A originalidade, então, e principal contribuição deste artigo, reside neste ponto.

É importante fazer uma ressalva, desde já, e que será desenvolvida neste artigo: sob o ponto de vista que defendemos, não se trata de considerar que o texto no ambiente digital pertence a outra ordem que não a da linguagem natural, mas sim de reconhecer que elementos tecnológicos, muitos dos quais pertencentes a sistemas semióticos não linguísticos, integram-se aos enunciados para compor os textos. Esses elementos multissemióticos, especialmente no ambiente digital, incluem símbolos, alguns já mencionados, do tipo *hashtags*, arrobas, figurinhas, *gifs* e, também, aquilo que no campo da psicologia passou a se chamar de *affordances*, ou seja, botões, menus, barras de rolagem e tudo mais que serve para informar aos usuários sobre como interagir nos aplicativos. Esses elementos, em nossa proposta, não significam em separado e independentemente da língua. A nossa hipótese é a de que todos esses recursos funcionam no texto como operadores de sentido, com dupla função: ao mesmo tempo em que participam da construção do co(n)texto e da coerência e, portanto, da construção dos sentidos, também reconfiguram o funcionamento dos textos e da própria língua. Essa ideia já aparece como embrião, referenciada em Ciulla *et al.* (2022;2024), em Martins (2024) e em Glück; Ciulla (2025).

Quanto à organização deste trabalho, a apresentação dos pressupostos teóricos foi feita ao longo das três seções que compõem o artigo. Justificamos essa decisão, pela natureza teórica da pesquisa, em que os próprios pressupostos são discutidos criticamente, e pelo fato de que, sendo assim distribuída a apresentação, fica esclarecido o caminho que percorremos, para sustentar as três grandes linhas argumentativas do trabalho. Na seção 1, tratamos dos fundamentos sobre o texto e algumas de suas características no ambiente digital. Na seção 2, tratamos dos fundamentos mais específicos sobre a enunciação que sustentam a nossa hipótese de como os elementos multissemióticos digitais contribuem para a composição do texto. Na seção 3, completamos a explicação da segunda parte de nossa hipótese, qual seja, a de que os elementos multissemióticos dependem da língua para significar, e analisamos um exemplo.

1 Posicionamento diante do digital – os fundamentos de uma Linguística Textual

Neste trabalho, os deslocamentos apoiam-se nos pressupostos fundamentais sobre o texto como fenômeno de linguagem, conforme vimos desenvolvendo em Cavalcante *et al.* (2022), Ciulla *et al.* (2024) e Martins (2024), reafirmando que é pelo linguístico que o explicamos. Além

disso, nossa perspectiva, acompanhando o próprio movimento que fez surgir a Linguística Textual (doravante LT), entre os anos de 1960 e 1970, inclui o discurso, dimensão em que o texto acontece e que pressupõe a língua em uso. Lembramos ainda que, conforme Ciulla (2023), a LT não é homogênea e, por isso, é preciso, a cada vez, marcar o posicionamento que constitui a abordagem que praticamos.

O percurso aqui será o de, primeiramente, apontar e rediscutir os fundamentos linguísticos necessários para compreender como incorporamos a característica multissemiótica no conceito de texto e na sua produção e interpretação de sentidos. Para isso, é necessário (re)centrar a discussão na LT, já que muitos estudos pioneiros sobre questões do texto digital e que têm servido para avançar a investigação, no Brasil, situam-se em outras áreas, especialmente na Análise do Discurso Digital (ADD), com base em Paveau (2017).

De início, para compreender como o texto digital se configura, é importante entender o conceito de “discurso digital nativo”, pois diferencia os textos produzidos online, em qualquer que seja o dispositivo, interface, plataforma ou aplicativo de escrita (Paveau, 2017, p. 8) dos produzidos offline. Os “digitais nativos” mobilizam recursos semióticos, como *hashtags*, emojis, *links*, avatares, vídeos, cujos modelos de análise tradicionais do pré-digital seriam insuficientes para explicá-los. Essa constatação encontra ressonância nas contribuições de abordagens da LT, como Cavalcante *et al.* (2022), que apontam para a necessidade de novas categorias analíticas capazes de dar conta da simultaneidade, recursividade, performatividade e intensificação da textualidade digital. No entanto, temos ressalvas e contrariedades bem importantes sobre esses encaminhamentos.

A divergência principal que apontamos aqui é de ordem epistemológica em relação ao que propõe Paveau (2017). A autora afirma que, para essas novas categorias analíticas que pudessem dar conta do digital, precisaríamos conceber uma nova natureza do signo, em que não se articulariam mais um significante perceptível a um significado representacional (segundo o modelo saussuriano), mas sim uma marca ou traço digital que atribuiria uma assinatura invisível a um comportamento informacional. Ora, tal formulação serve, pelo que observamos, a uma descrição dos modos de funcionamento da linguagem de programação e dos geradores de texto por Inteligência Artificial (IA), que embora entreguem ao usuário um simulacro de linguagem humana, não lidam com signos linguísticos, mas com processamento da linguagem humana, o que é bem diferente. Nesse sistema de processamento da máquina, a linguagem é tratada como informação, e não como signo linguístico, por algoritmos sofisticados, de base estatística, cuja lógica é regida pelo sistema binário de todo funcionamento computacional. Dessa maneira, todo produto gerado por um sistema computacional é efetivamente uma articulação entre um conteúdo informacional e uma “assinatura invisível”. Em outras palavras, o produto, que pode ser uma proposta de dizer (Koch, 2007), como nos sistemas inteligentes, é o resultado do processamento da máquina com base em um banco de dados, cujas fontes autorais não se sabe ao certo. Portanto, a descrição do “novo signo tecnolinguístico” de Paveau (2017) se aplica apenas à linguagem da máquina.

Partimos da premissa, então, de que o ambiente digital não altera a natureza do signo linguístico na linguagem humana, pois mesmo na relação homem-máquina, em que a máquina interage, inclusive gerando material que pode resultar em textos, é sempre o humano que os interpreta e os constitui como tal. Essa afirmação encontra fundamentação nos nossos pressupostos da natureza enunciativa do signo linguístico, conforme a reflexão de Benveniste (2005), apontados em Ciulla (2018). Assumimos, então, também conforme corroboram Cavalcante *et al.*, 2022, que ao enunciar, o locutor se apropria da língua e articula o discurso, passando a ser sujeito, pois assume a posição de “eu”, instituindo (pelo menos) um interlocutor, “tu”. A pergunta que pode surgir neste ponto é: se a máquina não se apropria da língua e, portanto, não pode articulá-la em discurso, como se explica que produz textos?

A explicação para esse fenômeno está, em primeiro lugar, na reversibilidade da categoria de pessoa (Benveniste, 2005, p.253) que acontece na troca de turnos, pois sempre parte do “eu” elaborar o sentido de uma proposta de dizer do outro. Assim, “eu” toma a palavra e se dirige a um “tu” que, quando interpreta o que está sendo dito, torna-se, reversivamente, um “eu”, assumindo a única posição possível de resposta que todo texto suscita.

Em segundo lugar, dando continuidade à explicação, relembramos o dialogismo bakhtiniano, que dá suporte à noção de interação e negociação, que vimos defendendo em LT, desde Koch (1992). Afirmamos, com Cavalcante *et al.* (2022), que em toda interação humana que acontece pelo texto, há uma construção de sentidos na interlocução, por sujeitos que instauram uma instância discursiva. A interação não implica necessariamente na manifestação responsiva, mas se trata da relação dialógica constitutiva de todo texto. Ou seja, a interação e a negociação de sentidos não acontece apenas em diálogos, em que os participantes se manifestam, mas em qualquer situação de texto, inclusive naquelas que ocorrem remotamente e assincronamente, em que apenas se lê ou se escuta algo registrado por um locutor a quem não temos acesso naquele momento e/ou nem temos a identidade. A negociação que fazemos ao interpretar o que lemos ou ouvimos é uma projeção daquilo que interpretamos e podemos ponderar sobre o co(n)texto² em que aquela configuração de enunciados pode fazer sentido. O texto, então, incluindo o escrito, não está pronto de antemão, mas depende de um ouvinte ou leitor para acontecer. É assim que explicamos, em LT, como humanos interagem pelo texto.

No âmbito da interação no digital, o co(n)texto inclui propostas de dizer geradas pela máquina. Nesse co(n)texto, está implicado o funcionamento máquinico, cuja significação se dá, como vimos, não pela natureza enunciativa do signo linguístico, mas de maneira automática, pela natureza informacional do signo computacional. O humano, por sua vez, interage com a máquina, do único modo que sabe, condicionado pela arquitetura da enunciação, (o “eu” que sempre se dirige a um “tu”) e interpreta (revertendo a pessoa para “eu”) o produto oferecido como proposta de dizer, a partir do co(n)texto em que foi gerado, incluindo o próprio comando enviado (*prompt* de comando, no caso de produtos gerados por aplicativos de IA, caixas de diálogo, botões de clique etc.) e o fato de que sabe que aquelas ações de resposta da máquina estão sendo geradas automaticamente.

Assim, não nos parece haver necessidade de novas categorias de análise, conforme inquietação mencionada anteriormente: o quadro enunciativo, o dialogismo e o co(n)texto, conforme vimos teorizando na LT, dão conta de explicar a relação humano-máquina. Porém, no que concerne à inclusão no co(n)texto de conhecimento sobre produtos e/ou ações geradas automaticamente, há aí um elemento novo que absolutamente não pode ser desprezado. Trata-se justamente do sistema de significação informacional da máquina, que, propomos aqui, seja visto como um elemento semiótico de natureza não linguística (por obedecer a um sistema de funcionamento que não é enunciativo), mas que entra na composição dos textos. Assim, ainda que de maneira mais “subterrânea” do que os botões de clicar, emojis e hashtags etc. (que aliás, dependem também desse sistema de programação subjacentes para funcionar), o sistema informacional da máquina será também considerado, neste trabalho, como um componente multissemiótico do texto. Alertamos, portanto, para o fato de que o sistema de significação máquinico, embora “novo”, considerando-se o pré-digital, não demanda uma nova categoria de análise linguística, mas a inclusão da análise desse elemento pelo co(n)texto. Chamamos a

²Seguimos a explicação dada em Ciulla *et al.* (2024) para o conceito de *co(n)texto*, que implica a soma do *cotexto* (como a percepção visual, sonora, etc do arranjo de elementos verbais e de todos os outros recursos, como suporte, cores, sons, imagens, que são considerados relevantes para a composição textual) e do *contexto*, propriamente dito (como a operação que consiste em supor uma situação de enunciação que torna possível o enunciado). O co(n)texto depende do agir dos sujeitos participantes da situação enunciativa, que coconstroem os sentidos do texto que daí emerge.

atenção aqui para uma sutil, porém fundamental diferença, entre uma categoria analítica, como é o co(n)texto, para a LT, e um elemento co(n)textual, como é o caso do sistema maquinais, que entra na composição do texto, com o advento do digital.

Se do ponto de vista da análise linguística, podemos distinguir os sistemas de significação da máquina e do homem, do ponto de vista antropológico, que coloca o homem em relação indispensável com a linguagem (ver Flores, 2019), configura-se uma questão que tem implicações psicológicas e afetivas importantes. Ao dialogar com um *chatbot*, por exemplo, há uma tendência de humanização daquele aplicativo como entidade, provocada pelo encantamento de sistemas altamente sofisticados, que replicam ações linguísticas muito semelhantes às dos humanos. Essas ações não se equiparam às de um ser humano, que tem sentimentos, pontos de vista, intenções próprias e genuínas e a capacidade de se manifestar subjetivamente e (re)produzir textos a partir de uma língua. No entanto, isso não está muito claro, ao que parece, para grande parte das pessoas, que usam IAs para consultas médicas, psicoterapias, dietas, treinamento físico, produzir pesquisas acadêmicas e criar notícias etc., às vezes confiando cegamente no resultado e entregando a tarefa inteiramente ao sistema automático.³

Pelo exposto, então, a ideia do desaparecimento do signo linguístico diante do tratamento da linguagem pela máquina nos parece, então, muito pertinente, mas por outro motivo, diferente do que propõe Paveau (2017). Demonstramos que o desaparecimento do signo linguístico não é relativo ao homem, mas é relativo à máquina, que efetivamente não tem língua. Ao sugerir que a linguagem humana no ambiente digital é reduzida a uma codificação informacional, confunde-se entre o funcionamento da linguagem de programação/processamento automatizado da linguagem natural e o funcionamento da linguagem humana, incluindo as interações mediadas por plataformas e aplicativos. Na nossa perspectiva, seja em ambientes digitais ou em quaisquer outros, os signos linguísticos não se reduzem a instruções codificadas e executadas por máquinas, pois são mobilizados por sujeitos que se apropriam da língua e enunciam, manifestando intencionalidades comunicativas, sentimentos e visões do mundo propiciados por essa apropriação. Contudo, há uma consequência muito importante na consideração desse “apagamento humano” provocado pela máquina, que é ignorá-lo e, inversamente, atribuir humanidade à máquina, sem que se perceba as falácias e os limites éticos.

Voltando às considerações sobre as relações entre o sistema de significação informacional da máquina e o texto, enfatizamos que esse sistema deve entrar na ponderação sobre o co(n)texto, feita pelos participantes humanos das interações, como elemento multissemiótico da composição do texto. Essa é uma proposta que tanto encaminha teoricamente a questão textual quanto a ética da relação homem-máquina, pois a nosso ver, a humanidade das ações é sempre prioritária.

Paveau (2017) propõe ainda que a interação homem-máquina seja concebida como ecológica, defendendo que a máquina instaura um modo de funcionamento da linguagem que rompe com visões logocentradas, dualistas e ancoradas na intenção do sujeito. Antes de mais nada, sobre essa questão, cabe destacar que, na tradição da LT, a superação dessas visões precede a era digital. Desde suas origens, a LT, vertente teórica à qual nos filiamos, já se opunha a concepções idealizadas da língua e do sujeito, priorizando o funcionamento real dos enunciados nos textos e enfatizando a relação indissociável entre língua e discurso. Do mesmo modo, não nos ancoramos numa noção de intencionalidade absoluta (ver Cavalcante *et al*, 2022): nem sequer consideramos a intenção, propriamente, mas, sim, aquilo que se pode interpretar dos projetos de dizer, considerando que os sentidos são construídos de modo constitutivamente dialógico, em condições concretas de enunciação. Assim, não é o digital que inaugura uma

³ Por isso, uma das responsabilidades da LT e das ciências da computação é a de divulgar e popularizar esses achados, para que se possa ensinar e exigir o uso ético e adequado das IAs.

perspectiva pós-dualista, mas é o próprio funcionamento discursivo da linguagem, tomado em sua complexidade, que a exige, com ou sem o digital.

A seguir, a ideia, propagada pela ADD, de considerar o texto das interações digitais, a partir da noção de ecologia simbiótica entre humano e máquina, pode ser considerada, mediante deslocamentos. Na interação digital, assumimos que são sempre os humanos, enquanto sujeitos, que atualizam os textos e organizam os sentidos. Como já demonstrado, mesmo quando um aplicativo de IA “toma a palavra” ou “responde”, é um comando (resultado de instruções pré-definidas, que são os algoritmos) que o guia e a interpretação do sentido do que é dito fica a cargo do usuário. A máquina não é neutra, tampouco passiva, pois os bancos de dados vão sendo constantemente alimentados na *web* e seus algoritmos, ajustados, interferindo no modo de construir os sentidos, mas é a partir da experiência humana que essas ações maquinicas ganham consistência, legibilidade e significação. Assim, a nosso ver, admitir o funcionamento ecológico do digital é levar em conta que há uma integração e adaptação entre humano e máquina nesse ambiente, que conta com a sua estruturação a partir de multissemioses, inclusive os sistemas computacionais, e não que a máquina muda o paradigma da linguagem humana. Além disso, todo texto, incluindo os não digitais, pode ser pensado como em uma configuração ecológica, já que pressupõe sempre os interlocutores ancorados na situação enunciativa, em relação uns com os outros e com o seu entorno, além das possíveis mídias e modalidades (oral, escrita, audiovisual etc.) envolvidas, influenciando no modo como os sentidos são (re)construídos.

A tecnologia digital, então, propicia uma transformação nos modos de textualização, na constituição do co(n)texto e no acréscimo de recursos enunciativos – como continuaremos a detalhar a seguir – o que acarreta uma reconfiguração de práticas comunicativas. É precisamente esse deslocamento que motiva as reflexões deste artigo. Entretanto, não há evidência empírica ou argumentação teórica suficiente para sustentar a ideia de uma ruptura no que diz respeito à instauração do funcionamento da linguagem pelo ecossistema digital. O signo, como elemento relacional entre expressão e sentido, conforme já evidenciado, continua sendo interpretado por sujeitos, agora incorporando os recursos maquinicos e digitais.

Para ilustrar o papel do ambiente digital nas interações, citamos uma conversa por videochamada (como as do Google Meet ou Zoom). Se de um lado há uma restrição imposta pela máquina e pelo sistema, pois somente é acessível ao interlocutor a imagem captada pela câmera do aparelho, não o todo do entorno imediato de cada um, de outro lado, esse aplicativo, nesse suporte, amplia as possibilidades, permitindo que vários interlocutores de diferentes pontos do planeta possam interagir, com imagem, voz, emojis e mensagem escrita, ao mesmo tempo, o que acarreta em uma complexificação da enunciação e da própria textualidade (ver sobre essa relação em Ciulla et al. 2022; 2024 e, especialmente, sobre o conceito de *camadas enunciativas* e *dêixis digital*, em Martins, 2024,). Entretanto, frisamos que são os falantes que recriam esses modos de se expressar diante da tecnologia, pois são os usuários que vão incorporando esses recursos e modificando-os criativamente nas interações.

Além disso, tanto os desenvolvedores de tecnologia da informação, que criam as funcionalidades dos aplicativos, quanto os que criam suas interfaces para os usuários são falantes e projetam nos sistemas recursos comunicativos com base na língua. Neste ponto, acreditamos que se pode dizer que há um nível de reconfiguração que acontece também na própria língua, já que um dos aspectos da natureza do signo linguístico é justamente comportar uma constante adaptação e mutabilidade, que faz as línguas mudarem junto com a sociedade (ver Saussure, 1975 e Ciulla, 2018 sobre a arbitrariedade e natureza do signo linguístico). Ou seja, é próprio das línguas mudar e adaptar seus signos, mudando o próprio sistema, além de reconfigurar e criar recursos discursivos, no emprego da língua, tornando possível (re)significar o mundo, conforme as transformações - tecnológicas ou não - vão acontecendo nas sociedades.

Entendemos, apesar de tudo, a crítica que Paveau (2017) faz a abordagens que “neutralizam” a máquina, como se o seu funcionamento ocorresse em paralelo à linguagem humana. Não é o caso aqui, como esperamos que já tenha ficado claro. A nosso ver, a máquina não é neutra e se incorpora à linguagem humana, mas não se sobrepõe a ela e muito menos a reduz ao “tecno”. Até aqui nos posicionamos sobre o funcionamento da linguagem humana e as implicações do digital, ficando nossas amarras no terreno da linguística para pensar o texto nesse ambiente. A seguir, apresentamos alguns esclarecimentos mais específicos sobre como supomos que nos aparelhamos na língua para enunciar, com base em Benveniste (2006). Essas explicações não apenas reforçam o nosso posicionamento na LT (LT), mas preparam para a construção de nossa reflexão sobre a incorporação do multissemiótico à composição do texto.

2. Aparelho formal da língua e aparelho formal da enunciação

Para a LT, o texto sempre é o resultado de uma enunciação. Não tomamos *resultado* aqui como produto acabado de antemão, pois um texto somente se constitui a cada situação enunciativa, pela ação dos participantes da interação, que ao enunciar, interpretam o cotexto e a situação, (re)produzindo o co(n)texto (conforme também Ciulla; Martins, 2025). Além disso, para nós, não basta considerar que todo enunciado se insere na cadeia histórica e é atravessado pelos já ditos, mas como isso se manifesta em marcas linguísticas nos textos, que são delimitados pela situação concreta em que acontecem. E mesmo considerando esses atravessamentos, jogos de vozes e a dependência de aspectos da interação, em que significados são negociados e todo o co(n)texto é reconstruído, para a tese defendida aqui, é sempre a partir da língua que isso acontece.

Por isso, sem desprezar as formulações enunciativas bakhtinianas, sobre o dialogismo, e ducrotianas, sobre a polifonia, importantíssimas para pensar certas relações entre texto e discurso, tomamos, da teoria contida na obra de Benveniste (2005;2006), os conceitos para pensar aspectos fundantes da dimensão enunciativa dos textos. Ficaremos mais restritos ao capítulo do PLG II, intitulado *O aparelho formal da enunciação*, que é o que melhor sintetiza a questão, para os fins e escopo deste artigo, que é mostrar como os elementos multissemióticos se incorporam ao texto.

Retomando sucintamente alguns pontos cruciais, partimos da ideia de que enunciação é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006, p.82), lembrando, no entanto, que o ato de enunciar nunca é solitário, pois “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação” (Benveniste, 2006, p.84). Pelo menos três aspectos importantes para pensar o texto já aparecem aqui: o primeiro é o fato de que se trata da língua em funcionamento, o segundo, de que é uma ação de iniciativa de um indivíduo, e o terceiro, de que a enunciação pressupõe um outro, isto é, visa sempre alguém para quem se fala.

E acrescenta:

enquanto realização individual, a enunciação pode se definir em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (Benveniste, 2006, p.84).

A enunciação pressupõe, então, um processo de apropriação do aparelho formal da língua, que é a apropriação do “emprego das formas”, isto é, o conjunto de regras que fixam as condições e escolhas sintáticas, articuladas, por sua vez, a regras fonológicas, morfológicas, enfim, o que compõe o sistema formal da língua. Ao enunciar, o locutor marca sua posição como tal, valendo-se de índices específicos e procedimentos acessórios.

Os índices específicos, na nomenclatura de Benveniste (2006, p.84) aparecem na relação *eu* e *tu*, configurando os índices de pessoa, além dos índices de ostensão, determinados em

relação a *eu*, centro da enunciação, indicando espaço, como *este* e *aqui*, e as formas temporais, como *hoje* e *ontem*.⁴ Quanto aos procedimentos acessórios, de acordo com Flores (2013, p.169) “eles estão ligados à singularidade que cada análise linguística da enunciação evoca e, portanto, à língua toda”. Em outras palavras, os procedimentos acessórios são tudo o mais necessário, mas contingente, para significar na enunciação. Há um outro aspecto particularmente importante para os estudos do texto: o fato de que “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (Benveniste, 2006, p.87). Além de retomar e especificar a compulsória alocação que a enunciação realiza, o autor aponta para a relação no discurso que se estabelece. Nessa relação no discurso é que os interlocutores referem: “na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo” (Benveniste, 2006, p.84).

Outro ponto fulcral é a consideração de dois níveis de significação que ocorrem na enunciação, que Benveniste chama de *semantização*: o do nível semiótico, ligado às formas da língua, e o do nível semântico, propriamente, que é o domínio da língua em emprego, o do discurso. Um supõe o outro, ou seja, a língua em emprego supõe as formas e as formas da língua advêm do emprego da língua e nele se atualizam. É na enunciação que a semantização acontece, convocando *a língua toda* (forma e emprego). Se para Benveniste (2006, p.83) a semantização da língua está no centro da enunciação, para nós este aspecto é também central, pois é parte da explicação fundamental de como podemos construir sentido nos textos.

Por fim, de acordo com Cavalcante et al. (2022, p.57), salientamos que “o aparelho formal da enunciação não está pronto de antemão, ele é construído pelo falante, que se apropria dos recursos da língua e os coloca em uso para enunciar”. Para esclarecer melhor a questão, chamamos a atenção para uma diferença entre as menções de *aparelho formal da língua* e *aparelho formal de enunciação* em Benveniste:

ora, o locutor se apropria da língua, do *aparelho formal da língua*, para construir com ela um *aparelho formal de enunciação*. Para tanto, utiliza índices específicos e procedimentos acessórios. Logo, o dito *aparelho formal de enunciação* não é algo que esteja pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação. É errado supor, então, que o locutor se apropria do *aparelho formal de enunciação*. Ele, na verdade, o constrói a cada enunciação, a partir do *aparelho formal da língua*. (Flores, 2013, p.168).

Essa observação vai perfeitamente ao encontro de nossa perspectiva na LT, de que o texto não é dado *a priori*, fornecendo uma explicação para essa afirmação: o texto é um evento discursivo e acontece na enunciação, dela dependendo para ter seus limites e sentidos delimitados. O locutor, apropriado do aparelho formal da língua, a cada nova situação enunciativa, constrói o aparelho formal da enunciação, com os recursos que tem e diante daquilo que se apresenta e que ele considera como co(n)texto relevante.

Além disso, essa perspectiva dá margem para que possamos pensar os elementos multissemióticos, que se incorporam ao aparelho formal de enunciação, para significar nos textos.

3. O multissemiótico interpretado na língua

⁴ Estes elementos ficaram conhecidos pelos estudos do texto como o famoso tripé *eu/tu-aqui-agora*, embora nem sempre se tenha dado a devida atenção às relações que esses elementos, relacionados à dêixis, proporcionam à linguagem. Sobre um aprofundamento de aspectos enunciativos e textuais da dêixis, ver, por exemplo, Ciulla (2019; 2020a; 2020b; 2024; 2025).

Para qualquer texto, a modalidade diz respeito aos modos de comunicação e expressão, que implicam o escrito ou oral, o visual, o gestual, o sonoro etc. o que, de toda sorte, já traz desafios ao analista, porque devem ser vistos no todo da situação comunicativa, compondo o texto, embora cada qual traga a sua “grade” de interpretação.

O texto digital envolve inevitavelmente ainda o uso de dispositivos, como smartphones, tablets, notebooks, computadores e seus aplicativos com botões e recursos a cores, vídeos, imagens, áudios, gráficos, símbolos diversos etc., além de práticas interacionais diversas, em que esses suportes, elementos e recursos se sobrepõem e interferem de modo bastante decisivo. Por isso, tem-se destacado que os textos que circulam e são produzidos em ambientes digitais se constituem como artefatos semióticos complexos, organizados por diferentes modos de significação. A multimodalidade sempre presente no ecossistema digital traz consigo também a característica de intensificar o multissemiótico, isto é, exige uma recorrência constante a vários sistemas semióticos, para além da língua. Para citar um exemplo atualmente muito conhecido, lembramos as postagens do Instagram, com espaço e expectativa de comentários, associando enunciados verbais com imagens em diferentes tipos e cores de molduras, com músicas, possibilidades variadas de compartilhamento e de produção conjunta etc.

Sob a perspectiva defendida aqui, os aspectos multimodal e multissemiótico não operam em paralelo ao verbal na constituição dos textos, mas em articulação constante, moldando o sentido e a forma como ele se apresenta nos diversos ecossistemas de plataformas digitais. Postulamos, aqui, que esses elementos de natureza semiótica diferente da língua não são independentes da língua, no que diz respeito à construção dos sentidos, mas estão em uma relação de interpretância, subordinados à língua. Para sustentar essa posição, recorreremos a Benveniste, que traz o questionamento (e a resposta):

os ritos simbólicos, as formas de polidez, são sistemas autônomos? Pode-se realmente colocá-los no mesmo plano que a língua? Eles não se sustentam sobre uma relação semiológica senão por intermédio de um discurso: o “mito” que acompanha o “rito”; o “protocolo” que regula as fórmulas de polidez. Estes signos, para nascerem e se estabelecerem como sistema, supõem a língua, que os produz e interpreta (Benveniste, 2006, p.51).

Nesse trecho de *Semiologia da língua*, Benveniste discute justamente o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos. Embora não houvesse a tecnologia digital à época, em 1970, quando o livro foi publicado, a discussão permanece bastante atual e fundamenta a nossa percepção do papel da multimodalidade e da presença do multissemiótico nos textos. A nosso ver, os elementos de outras semioses que são considerados para constituir os sentidos do texto não poderiam ser autônomos, pois justamente integram os enunciados (do texto) e a enunciação (o ato de dizer). Assim, em outras palavras, pensamos que os elementos de outras semioses não são autônomos no que diz respeito à sua possibilidade de significar, mas dependentes da interpretação que os falantes fazem - e essa interpretação sempre parte da língua.

Isso não significa dizer que os elementos de outras semioses desempenhem no texto um papel menor. Ao contrário, muitas vezes, podem ser centrais e essenciais ao texto, como no caso das charges, um exemplo bem icônico do papel do desenho em um texto, que pode inclusive nem ter nenhum enunciado verbal. A questão é que, para especular e interpretar as possibilidades argumentativas de uma charge, é preciso fazê-lo verbalmente: é falando sobre a charge que chegamos em uma compreensão dos seus sentidos. Para ilustrar com outro exemplo essa formulação, podemos também pensar em uma imagem fotográfica, que, no famoso dito popular “diz mais do que 1000 palavras”: de fato, a fotografia, por mais impactante que seja em uma determinada situação, pela percepção visual, não fala por si, mas é uma interpretação dela em

palavras, mais exatamente em um texto, que pode efetivamente expressar uma ideia, sentimento ou ponto de vista de impacto.

Conforme Kress e van Leeuwen (2020), elementos de composição visual dos textos, como enquadramento, vetores, cores, grafismos e ângulo também podem orientar o leitor para uma determinada interpretação. Isso corrobora a ideia de que esses elementos não são apenas estéticos, mas entram na composição do texto e precisam ser considerados em sua teorização e análise. Contudo, conforme explicamos, a percepção desses elementos, quando é processada pelo interlocutor, sempre é interpretada pela língua.

Neste artigo, pela limitação e escopo, não analisaremos com detalhe a pluralidade dos elementos multimodais e das múltiplas possibilidades semióticas na composição de textos, inclusive a que postulamos neste trabalho, referente ao próprio sistema significativo informacional que subjaz a todo o funcionamento maquínico digital, com ou sem IA. Também não entraremos na discussão sobre a classificação dos elementos multissemióticos, já existente na literatura, sobre sua funcionalidade nos textos e interações, pois o nosso interesse aqui é o de demonstrar outro aspecto: o de como elementos multissemióticos, como os emojis e as figurinhas, assumem um papel não apenas de imagem como componente do texto, mas de incorporação ao *aparelho formal de enunciação*.

Observemos o trecho de uma conversa de WhatsApp, a partir do print da tela:



Print de trecho de conversa de WhatsApp, acervo particular.

Atentando para o primeiro *sticker* (ou figurinha) dos personagens Dick Vigarista e Mutley, em um avião, no trecho de interação acima, vê-se que não há enunciado verbal na figura, mas apenas uma imagem, a partir da qual sentidos são evocados, não somente pelos elementos icônicos das figuras, mas pela narrativa conhecida, de um vigarista malsucedido (e que sempre caía na própria armadilha) e seu cão esperto e sarcástico, personagens do desenho animado para tv “Corrida Maluca”, de Hanna Barbera. Seja o que for que o interlocutor conheça sobre o desenho animado – no caso de nunca ter assistido ao desenho animado, por exemplo - o que está sendo evocado, no que diz respeito ao significado, é feito pela língua: é a partir do linguístico que interpretamos a a figurinha e a imagem representada nela. E é assim que podemos dizer que

a figurinha funciona como um enunciado, pois traduz-se (no sentido de Jakobson, 1959) e interpreta-se como uma continuação ao enunciado verbal: “ela deve imaginar que estamos... tramando algo, fazendo um plano secreto”, que é o que habitualmente Dick Vigarista e Mutley fazem, para tentar ganhar a corrida. Não podemos dizer que a figurinha se incorpore ao *aparelho formal da língua*, porque não se trata de signos linguísticos, mas arriscamos dizer que ela se soma ao *aparelho formal de enunciação*, pois se constitui como um elemento enunciativo, pelo princípio de interpretância da língua, com função de significação no texto.

Quanto às outras figurinhas desse mesmo excerto de texto no WhatsApp, há uma diferença, pois além das figuras, há trechos verbais, adicionados às imagens. Na figurinha de Xitãozinho e Chroró, há o trecho verbal “chega de mentiras”, remetendo à canção de sucesso da dupla, e, na figurinha de Mutley, há a interjeição expressiva de risada “hi hi hi”, em que, nos dois casos, especifica-se, direciona-se e fortalece-se a argumentatividade. No conjunto, elas têm também o efeito de soma ao *aparelho de enunciação*.

A esses exemplos aqui analisados, acrescentamos os que mencionamos em outros trabalhos, como o @perfil do usuário, por exemplo, que funciona não só como um dêitico *tu* (conforme Martins, 2024) mas também como um nome (Gluck e Ciulla, 2024), e que, por isso, constitui-se como uma dupla funcionalidade (pessoa e não pessoa ao mesmo tempo). Também evidenciamos o papel de emojis com papéis anafóricos e argumentativos (Ciulla *et al.* 2024). A partir dessas observações de elementos, alguns envolvendo semioses não linguísticas, outros envolvendo signos que mesclam o linguístico e o icônico, todos entram na construção do aparelho formal e, via língua, pois, interpretados e dependentes dela, integram-se ao *aparelho formal de enunciação* nas interações, já que nos valem desse conjunto de elementos significantes para chegar nos sentidos dos textos.

Considerações finais

Há transformações nas interações pelo texto no ambiente digital, o que é possível verificar facilmente no dia a dia e todo falante percebe. Mas o que nós, como linguistas, investigamos? Como isso se reflete nas interações pelo texto? O que isso muda na linguagem e nos textos? Este trabalho procurou fazer uma reflexão que vai na direção de responder a essas questões. Reiteramos, ainda, que é preciso retornar aos fundamentos da linguística, para deslocar e/ou firmar conceitos e categorias de análises textuais, especialmente se pretendemos continuar a estudar o texto no âmbito da linguística.

Mostramos que não se sustenta uma mudança do signo linguístico, como é o que se tem lido em abordagens sobre a textualidade digital, já que os signos linguísticos não deixaram de ser mobilizados por humanos, cujo principal modo de interagir - e mesmo de existir - depende, de maneira atávica, da linguagem. O próprio processamento de linguagem natural e a programação de computadores, incluindo a de *softwares* de aplicativos de IA, são derivados do funcionamento da linguagem natural e dos humanos, que desenvolvem esses programas a partir de uma projeção da linguagem natural.

Afirmamos também que programas de computador podem simular enunciados humanos, mas o funcionamento discursivo que emerge das interações sociais nas redes, por exemplo, como em qualquer outro texto digital, não se confina ao processamento informacional. Contudo, o processamento da máquina é levado em consideração como co(n)texto e atua como um componente de configuração do texto. Ressaltamos um aspecto da especificidade do texto digital, que é a relação inexorável com o multissemiótico, para tornar mais precisa a definição de *texto* e de seu funcionamento, sob um ponto de vista da LT. Postulamos, ainda, a ideia de que os elementos multimodais e os multissemióticos não dependem necessariamente de outras áreas do conhecimento, como a psicologia, para serem explicados como componentes significativos dos

textos. Eles são interpretados pela língua e, assim, integram-se aos textos. Por fim, consideramos que elementos, como as figurinhas do WhatsApp e o próprio WhatsApp, aplicativo em que se usa o recurso de figurinhas integram o co(n)texto dos enunciados e a eles são atribuídos uma significação e um sentido e, por isso, são incorporados no *aparelho formal de enunciação*.

Fica a sugestão, para trabalhos futuros, de não somente discutir uma classificação de elementos multimodais e multissemióticos, com vistas à sua funcionalidade pragmática, mas jogar luz no papel eventual desses elementos como repertório de recursos enunciativos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. Entrevista. In : ACHARD-BAYLE, Guy (org.) Textes/discours et Co(n)textes. *Pratiques: linguistique, littérature, didactique*, n°129-130, 2006, pp. 20-49.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral, I*. Campinas : Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- CAVALCANTE et al. *Linguística Textual – conceitos e aplicações*. Campinas: Editora Pontes, 2022.
- CIULLA, Alena. Um lugar para a referência, sob um ponto de vista da enunciação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 60, n. 3, p. 691–708, 2018.
DOI: [10.20396/cel.v60i3.8651604](https://doi.org/10.20396/cel.v60i3.8651604). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8651604>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- CIULLA, Alena. Sobre a noção de dêixis e critérios de tipologias dêiticas. *Anais do I JOLINT – Jornada de LT – diálogos em Estudos da Linguagem*. FARIA, Maria da Graça dos Santos et al. (orgs.) 2019, p. 419-429.
- CIULLA, Alena. Dêixis: fenômeno referencial ou enunciativo. In: *Revista Investigações*, Recife, v. 33, Nº especial, Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de LT, 2020a, p. 200-216.
- CIULLA, Alena. A distinção de pessoa e alguns aspectos da contribuição de Benveniste para o estudo da enunciação. In: *Linguística Geral – os conceitos que todos precisam conhecer* (orgs.) LIMA, A.H.V.; SOARES, M.E.; CAVALCANTE, S.A.S. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020b, p.151-172.
- CIULLA, Alena. Entrevista. In: *O que é e o que faz a Linguística Textual*. (orgs.) Rivaldo Capistrano Júnior e Vanda Maria Elias. – 1. Natal: EDUFRN, vol.1, 2023.
- CIULLA, Alena. Dêixis. In: AZEVEDO, T.M.; FLORES, V.N. (orgs.) *Estudos do discurso*. Petrópolis: Editora Vozes, 2024, p.89-105.
- CIULLA, Alena. Dêixis. In: TOLDO, C.; FLORES, V.N. (orgs.) *Guia conceitual da Linguística de Benveniste*. São Paulo: Contexto, 2025, p.37-40.
- CIULLA, Alena, CORTEZ, Suzana Leite., SILVA, Ananias Agostinho da, PINTO, Rosalice. Ampliação enunciativa em comentários de webnotícia: uma releitura de Paveau à luz dos estudos enunciativos benvenistianos. *Revista Investigações*, 35(especial), 2022.
<https://doi.org/10.51359/2175-294x.2022.254392>

CIULLA, Alena; MARTINS, Mayara. *Encontro 03 - Fundamentos do Texto: as principais categorias de análise do texto*. [Vídeo]. *YouTube*, [2025]. Duração 1h38min. Disponível em: [_](#)



• [Encontro 03 - Fundamentos do Texto: as pri...](#) Acesso em 20 abr, 2026.

CIULLA, Alena; CORTEZ, Suzana Leite; Pinto, Rosalice; Silva, Ananias Agostinho. Textualidade digital e enunciação: os comentários das webnotícias. *Revista Linha D'Água*, São Paulo, v.37, n.01, 2024, p.105-127.

FERREIRA, Helena Maria; ALMEIDA, Patricia Vasconcelos Almeida; DIAS, Jaciluz. O processo de textualização em textos multissemióticos: análise do gênero esquete. *Domínios de Linguagem*. Uberlândia. vol. 13, n. 3. jul. -set. 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

GLÜCK, Eduardo Parré; CIULLA, Alena. O discurso digital reportado em uma perspectiva enunciativa benvenistiana no ecossistema Twitter (X). *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 17, n. 2, p. 30–48, 2025. DOI: 10.46230/lef.v17i2.13786. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13786>. Acesso em: 15 mar. 2026.

JAKOBSON, Roman. On linguistics aspects of translation. In: Brower R. (org.), *On Translation*. Harvard: Harvard University Press, 1959, pp. 232-239.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. Oxford UK: Oxford University Press, 2001.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge, 2020.

MARTINS, Mayara Arruda. *Tecnotextualidade e campo dêitico digital – análise de aspectos interacionais e enunciativos*. 2024. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. *L'Analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris : Hermann, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

SILVA, Fernando Rocha da. *Desenvolvendo a Compreensão Leitora de Textos Multissemióticos com Alunos do Ensino Fundamental II*. 2025. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2025.

WESTERA, Wim. *The Digital Turn: how the internet transforms our existence*. Milton Keynes: Authorhouse UK, 2012.